

A FAMÍLIA E A TRANSMISSÃO PSÍQUICA

Luciana Jaramillo Caruso de Azevedo*
Terezinha Féres-Carneiro**
Samuel Lincoln Bezerra Lins***

RESUMO:

O presente artigo propõe uma reflexão sobre a noção de transmissão psíquica aplicada à família. Para tanto, inicialmente, será feita uma reflexão sobre a função da transmissão psíquica entre gerações. Em seguida, serão apresentados o conceito e os tipos de transmissão psíquica (intergeracional e transgeracional), e discutido o papel do segredo (o não dito e o inominável) como uma forma privilegiada de transmissão psíquica que atravessa gerações. Por fim, será abordado o conteúdo da transmissão e do aparelho psíquico familiar.

PALAVRAS-CHAVE: Transmissão. Família. Segredo. Psicanálise.

* Mestranda em Psicologia Clínica (PUC-Rio)

** Professora titular do Departamento de Psicologia (PUC-Rio) e coordenadora do Curso de Especialização em Psicoterapia de Família e Casal da PUC-Rio.

*** Formado em Psicologia na área Clínica/Psicanálise (UFPB) e Pós-doutorando em Psicologia Clínica (PUC-Rio). Endereço de correspondência do autor: PUC-Rio, Departamento de Psicologia
Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea - 22543-900, Rio de Janeiro - RJ Tel. (021)3114 1185/ FAX
3114 1187 / E-mail: lucianajaramillo@msn.com

Introdução

A questão da transmissão psíquica é central no grupo familiar e nos remete à inscrição do sujeito em uma cadeia geracional da qual ele é um elo. A transmissão psíquica geracional consiste na precedência do sujeito por mais um outro, na condição de herdeiro forçado, beneficiário, mas também pensador e, até mesmo criador daquilo que lhe foi transmitido. Cada um, bem como cada grupo, tem como tarefa construir, organizar e transformar certas heranças não elaboradas, mantidas em estado bruto e que se infiltram no presente. Assim, a função do grupo familiar é transmitir a herança psíquica adquirida e fundadora tanto dos membros, como do conjunto, perpetuando, conservando a sua identidade, e dando vida para além dos mortos (GRANJON, 2000).

Nesse sentido, em “Totem e Tabu” (1913), Freud afirma que:

“nenhuma geração pode ocultar à geração que a sucede, nada de seus processos mentais mais importantes, pois a psicanálise mostrou que todos possuem na atividade mental inconsciente um “*apparat*” que os capacita a interpretar as reações de outras pessoas, isto é, desfazer as deformações que os outros impuseram à expressão de seus próprios sentimentos” (p.162).

O indivíduo não pode construir completamente a sua história, pois ele se ancora em uma história familiar que o precede. É da história familiar que o indivíduo extrairá a substância de suas fundações narcísicas para, enfim, tomar o lugar de sujeito. Neste sentido, destacamos a importância de tratar o tema da transmissão psíquica, tendo em vista que a transmissão ordena as atrações e rejeições, prescrições e proscricções, assim como os mitos e ideais, distribuindo o lugar de cada membro da família (EIGUER, 1998).

Diante do exposto, e por compreendermos que a discussão voltada para a questão da transmissão psíquica é de grande valia no âmbito da clínica psicanalítica, propomos uma reflexão acerca do conceito, destacando o papel da geracionalidade na origem de patologias.

A Família e a Transmissão Psíquica

A família e a transmissão psíquica

A palavra “família” aplica-se hoje a realidades diversas, no entanto, a família continua sendo a célula constitutiva das sociedades. No cerne da instituição familiar encontram-se os laços do casamento e da filiação, bem como a sucessão de indivíduos que descendem uns dos outros (FLANDRIN, 1991). Assim, quando nasce uma criança, ela herda consigo parte da função de recomposição da família, fruto das alianças das duas descendências. Cabe à criança conservar o conjunto e alimentar-se desta herança (ANDRÉ-FUSTIER & AUBERTEL, 1998).

A família nutre psiquicamente o sujeito desde o seu nascimento e até mesmo antes da sua gestação, preparando um lugar simbólico para recebê-lo, desejando-o e lançando-o ao mundo para germinar a sua história (MAGALHÃES & FÉRES-CARNEIRO, 2007). Com efeito, a constituição de um sujeito se baseia na sua origem, sua história e suas fantasias sobre as relações que compõem seu romance familiar. Nesse sentido, é válido destacar que o essencial é o inconsciente que se forma por meio de resíduos de linguagem, ouvidos no discurso que circula em sua família. Trata-se de significantes impostos ao sujeito, que os escuta porque não pode furtar-se às palavras (MARCONI, 2008).

Conforme o proposto por Aulagnier (1975), existe um “contrato narcísico” que corresponde aos deveres que a criança terá que cumprir em troca do investimento, do qual foi objeto pela família. Este contrato propõe à criança a missão de perpetuar a cadeia de gerações, de assegurar a perenidade da identidade familiar, e fortificar seu narcisismo. Por sua vez, ela terá como carga transmitir os enunciados históricos e familiares, às vezes, às expensas de sua própria coerência psíquica (ANDRÉ-FUSTIER & AUBERTEL, 1998). A transmissão psíquica está na origem da transmissão dos mitos e dos ideais, veicula o modelo de parentesco entre as gerações, e modula os projetos de vida, intervindo na organização do superego. Se há falhas na transmissão, ligadas à violência da transmissão psíquica entre gerações, as insuficiências do superego aparecerão (EIGUER, 1998).

Neste sentido, Tisseron (1997) se refere à geracionalidade, ressaltando a importância da noção da imagem psíquica, constituída na combinatória que enlaça o singular e o transgeracional. No entanto, cada geração possui as suas próprias imagens. A organização das imagens psíquicas realizadas por um sujeito é testemunho da sua própria vida psíquica e, ao mesmo tempo, do processo que atravessa gerações. Assim, os traumatismos não superados e os segredos vergonhosos podem alimentar imagens em

cada geração, e esta imagem é um testemunho acerca da própria vida pulsional daquela geração que a criou.

Kupferberg (2004) destaca que a transmissão psíquica situa-se em um processo de identificação constitutivo de todo e qualquer sujeito, que, na melhor das hipóteses, opera uma transformação daquilo que já se encontrava presente como investimento narcísico para torná-lo seu, conforme o famoso adágio de Goethe: “Aquilo que herdaste dos teus ancestrais (*Vätern*), transforma-o e torna-o teu”. A partir dessa perspectiva, podemos pensar que diante dos fatores traumáticos, que impedem a transmissão, as patologias resultantes serão impeditivas dos processos identificatórios.

O bebê, ao nascer, depende dos cuidados recebidos do adulto falante, e muito o ouve falar enquanto prodigaliza esses cuidados. É nesse processo que surge o supereu, que se erige a partir das impressões dessa época, sobretudo das palavras ouvidas (RUDGE, 2006). Contudo, existe uma parte incompreensível e desconhecida que se infiltra nessas mensagens, podendo levar a criança tanto a constituir inclusões, quanto a procurar incansavelmente compreender e encontrar um sentido para aquilo que não lhe pertence. Tendo em vista que é possível observar o esboço de diversas patologias, a partir das falhas no processo de metabolização da herança psíquica, é oportuno distinguir as duas modalidades de transmissão psíquica (CORREA, 2000; GRANJON, 2000; KAËS, 1998, 2001).

Tipos de transmissão psíquica

A família é a matriz privilegiada para o trabalho de transmissão psíquica, pois nela são geradas não apenas as identificações significativas, como também as diversas modalidades de transmissão psíquica. Podemos distinguir dois tipos de transmissão psíquica, que estão interligados e são complementares.

O primeiro tipo é a transmissão psíquica *intergeracional*, que inclui aspectos da metabolização do material psíquico transmitido por uma geração próxima que, transformado, passa à seguinte. Nesta modalidade a transmissão psíquica constitui a “herança positiva” da filiação (CORREA, 2000). Dessa forma, é transmitido aquilo que ampara e assegura as continuidades narcísicas, a manutenção dos vínculos

intersubjetivos, a conservação das formas, dos processos de conservação e de complexidade da vida (KAËS, 1998).

O segundo tipo de transmissão psíquica é o *transgeracional*, que se refere a uma modalidade “defeituosa” da transmissão que inclui os objetos psíquicos de uma herança genealógica mais distante, na qual encontramos lacunas e vazios de transmissão. Estes são aspectos da denominada “denegação”, face ao “não revelado”, que não apresentam possibilidade de simbolização, incluído o que foi escondido ou calado pelos ancestrais e, portanto, bloqueando os processos de transformação psíquica (CORREA, 2000). Kaës (1998) acrescenta que: “o que se transmite é preferencialmente aquilo que não se contém, aquilo que não se retém, aquilo de que não se lembra: a falta, a doença, a vergonha, o recalçamento, os objetos perdidos, e ainda enlutados” (p.14).

Para Granjon (2000), a *transmissão intergeracional* é aquela em que a passagem de uma geração para outra acompanha uma modificação daquilo que é transmitido; enquanto que a *transmissão transgeracional* designa um tipo de transmissão em que o que é transmitido não pode se beneficiar de modificações que permitam sua integração psíquica. Em consonância com a segunda modalidade de transmissão, podemos pensar que o que será transmitido é o traço daquilo que passou, acompanhado de terror e vergonha, e não pôde ser pensado. Segundo a autora, nada escapa de ser transmitido de uma forma (*intergeracional*) ou de outra (*transgeracional*).

Contudo, a transmissão não é passiva, pois remanejamentos frequentes e sucessivos permitem a sua apropriação por parte dos membros da família. Na transmissão psíquica intergeracional há o contato direto entre gerações (em geral entre pais e crianças) e ocorre a modificação daquilo que foi transmitido de uma geração para outra. Dessa forma, os integrantes inscritos em uma genealogia podem fazer da herança algo próprio. Entretanto, a transmissão transgeracional se refere a um material não transformado e não simbolizado, geralmente relacionado aos segredos, não-ditos, interditos e ao indizível (INGLEZ-MAZZARELLA, 2006).

Ressalta-se que os traumas são terrenos férteis para o fenômeno da *transmissão psíquica transgeracional*, quando ficam fora da possibilidade de processamento psíquico, de simbolização e da linguagem (KUPFERBERG, 2004). Em estado bruto, os restos traumáticos são repetidos ao longo de sucessivas gerações, muitas vezes sob a forma de sintomas (INGLEZ-MAZZARELLA, 2006).

Contudo, os acontecimentos mais dolorosos não são, necessariamente, os mais alienantes. Qualquer acontecimento poderá ser traumático e alienante para os descendentes se não puder ser elaborado, se for transmitido sem que os afetos que suscita possam ser tolerados, e sem que um pensamento sobre este acontecimento venha contê-lo e representá-lo (GRANJON, 2000). A patologia familiar se instala quando a censura familiar deixa de funcionar como precursora das proibições fundamentais, em particular da interdição edípiana, e passa a desempenhar uma função essencialmente repressiva, sem referência a uma lei externa (CORREA, 2000).

Por outro lado, pode-se destacar uma dimensão da transmissão que é censurada e da qual não se fala, compreendida como o “segredo”. Essa noção é estudada por psicanalistas que se debruçam sobre o trabalho clínico com crianças e adolescentes (DOLTO, 1988, 2002; ROSA, 2000). Dolto (1988) afirma que naquele ponto em que a linguagem termina, é o comportamento que continua a falar. Assim, a criança através dos seus sintomas pode encarnar e presentificar as consequências de um conflito vivo, familiar ou conjugal, camuflado e oculto por seus pais. Para Rosa (2000), a linguagem indica como o sujeito se constitui em relação ao Outro, assim, os enunciados não valem tanto pelo seu aspecto de enunciado, mas pela enunciação que, necessariamente, promove o posicionamento do sujeito.

No que concerne à história de cada sujeito, observa-se que os significantes que são transmitidos e precedem a nossa existência, sob a forma de traços sem memória e esvaziados de sentido, podem permanecer congelados em uma pré-história geracional ausente de simbolização (AZEVEDO, FÉRES-CARNEIRO & LINS, no prelo). Seguindo aquele raciocínio, tais significantes podem ter sido transmitidos e intermediados por um segredo.

O Segredo

O segredo é uma forma privilegiada de transmissão psíquica, podendo ser compreendido como histórias não verbalizadas, mas insistentes, que intrigam a nova geração, cabendo a esta geração individualizar-se no meio desses enigmas que tipificam a história da família (INGLEZ-MAZZARELLA, 2006). Pode-se distinguir duas

A família e a transmissão psíquica

categorias de segredo que atravessam gerações: o não-dito (proibido de dizer) e o inominável.

Na primeira categoria, o segredo, como interceptação do dizer, pressupõe uma interdição, é uma proibição deliberada, ou seja, “disso não se fala”. Há algo ocultado, geralmente por estar associado à vergonha e à culpa. Essas histórias se repetem nas gerações seguintes sob a forma de um conteúdo recalcado, que vez por outra retorna. A segunda categoria de segredo, como o inominável, encontra-se fora do registro do inscrito. Algo não se falou por falta de palavras e por isso transita na descendência como indizível, não ligável, foracluído e à margem de um trabalho psíquico possível, fadado à repetição como tentativa de representação (CORREA, 2000).

Abraham e Torok (1995) destacam a relevância dos estudos voltados para a questão da vergonha e do segredo, pois, em torno destes, surgiriam as patologias da transmissão. De fato, a presença da patologia na família está relacionada com o grau com que os membros da família são capazes de efetivamente manter internalizados seus conflitos intrapsíquicos (MEYER, 1980). Quando um acontecimento, com potencialidade traumática, perturba ou impede um processo de integração harmônica, conseqüentemente, ele criará lacunas, inclusões, criptas na psique em questão. Granjon (2000) afirma que:

“Estes passados sob silêncio, ou mantidos em segredo, estes restos insensatos de um acontecimento inaceitável estão fora do alcance de um trabalho psíquico, mas vão obstruir a psique do sujeito e do grupo, permanecendo em estado bruto, consagrados à repetição e oferecidos às identificações da criança com a secreta esperança de que esta, herdeira e suplente narcísico, possa realizar este trabalho fracassado” (p.26).

Nesse sentido, o sofrimento familiar seria a manifestação de uma falta de metabolização de um conteúdo, transmitido geracionalmente, e que mantém na atualidade um excesso de angústias de desmoronamento e impede cada indivíduo do grupo ascender a mecanismos neuróticos individuais estáveis. O que resulta do sofrimento familiar é algo que não pode ligar-se aos elementos de ordem qualitativa, que são os afetos e as representações organizadas nas cenas imaginárias. Assim, duas características fundamentais afetam a transmissão psíquica pelo sofrimento: o excesso e o inelutável (ANDRÉ-FUSTIER & AUBERTEL, 1998).

O estudo da transmissão demanda uma diferenciação entre o que é transmitido e o que é recebido e transformado pelo sujeito através do processo de historialização e

temporalização, ou seja, através do processo de apropriação realizado pelo sujeito da herança, que assume o pensar sobre a sua herança e sobre o seu lugar (KAËS, 2001). Desse modo torna-se importante considerar o conteúdo transmitido através das gerações que, de acordo com Kaës (1998) “seria preferencialmente aquilo que não se contém, aquilo que não se retém, aquilo de que não se lembra: a falta, a doença, a vergonha, o recalçamento, os objetos perdidos, e ainda enlutados”(p.9).

O objeto de transmissão e o aparelho psíquico familiar

Para Eiguer (1998), o que se transmite, ou seja, o *objeto de transmissão psíquica entre gerações*, diz respeito a um ancestral que suscita fantasias, provoca identificações e intervém na constituição de instâncias psíquicas de um ou vários membros da família. O objeto de transmissão entre gerações apresenta a peculiaridade de se colocar como objeto de um outro, e não como objeto direto de descarga pulsional.

O material psíquico transmitido pode ser, ou não, metabolizado, tendo importante significado na configuração psíquica de cada sujeito. Contudo, as experiências não integradas de forma harmônica na vida psíquica podem obrigar os descendentes a simbolizar durante várias gerações, o que não foi totalmente elaborado por seus ascendentes. Assim, alguns ancestrais podem perturbar consideravelmente a vida dos seus descendentes (GRANJON, 2000).

De outro modo, pensar em transmissão implica em pensar a subjetividade, pois o indivíduo é um grupo interiorizado. Entretanto, um grupo não é uma simples reunião de indivíduos, mas aquilo que forma e estrutura tanto o psiquismo quanto os vínculos sociais (PIVA, 2006). Há um investimento conjunto dos indivíduos no grupo que os converte em um “objeto-grupo” comum, já que passam a integrar uma representação inconsciente de si mesmos como totalidade distinta daquela expressa por sua soma (CORREA, 2000). Esta representação imaginária se funda em um organizador psíquico inconsciente formador de uma entidade denominada por Kaës (1976/1993) de “aparelho psíquico grupal”.

Em seguida à conceitualização de Kaës (1976/1993), Ruffiot (1981) propôs a ideia de um aparelho psíquico familiar. De acordo com André-Fustier e Aubertel (1998), o aparelho psíquico familiar é definido como uma aparelhagem psíquica comum

e partilhada pelos membros de uma família, cuja função é articular o funcionamento do “estar junto familiar”, com os funcionamentos psíquicos individuais de cada um dos membros da família. Inicialmente, o aparelho psíquico familiar é externo e vai permitir ao lactente transformar suas experiências sensoriais em vivências psíquicas progressivamente relacionáveis entre si. Nesse sentido, o aparelho psíquico familiar funciona sempre como uma matriz de sentido, que serve de invólucro e de sustentáculo primários às psiques dos indivíduos que nascem no seio de uma família (ANDRÉ-FUSTIER & AUBERTEL, 1998).

As funções do aparelho psíquico familiar são funções de continência, de ligação, de transformação e de transmissão. A função de transmissão na sucessão de gerações remete à maneira pela qual cada família dará à criança as chaves de acesso ao mundo. Com efeito, cada família transmite ao recém-nascido sua maneira de apreender o mundo exterior e de organizar o universo interno. É a partir desses utensílios psíquicos de decodificação que cada criança construirá seu mundo interno, colorido por suas fantasias pessoais. É válido ressaltar que com a função de transmissão psíquica, é introduzida a dimensão histórica do aparelho psíquico familiar (ANDRÉ-FUSTIER & AUBERTEL, 1998).

Pode-se constatar a contribuição das histórias que habitam e circulam na esfera familiar da criança para as suas nas construções fantasísticas. Diante disso, todo indivíduo chega sempre dentro de uma história que preexiste, da qual ele pode ser herdeiro e também prisioneiro. Portanto, verifica-se o papel primordial da família no que se refere à transmissão psíquica e a produção de patologias (ANDRÉ-FUSTIER & AUBERTEL, 1998). Pode-se perceber que no momento em que a transmissão de conteúdos e vivências sofre entraves, uma quantidade considerável de material traumático não elaborado, não simbolizado, é transmitida em seu estado bruto para a geração seguinte. Sendo assim, torna-se imprescindível um maior aprofundamento teórico nas questões relacionadas à transmissão psíquica e à geracionalidade.

Considerações finais

De fato, pode-se compreender que a criança transporta uma mensagem que se refere à linhagem da família, sendo ela uma herdeira dos significantes que circulam no discurso familiar. Cabe à criança apropriar-se de tal herança, conforme indica o

conhecido adágio de Goethe. Assim, observamos que a noção de transmissão psíquica incide sobre o sujeito desde a sua formação, antes mesmo do seu nascimento, em função do lugar que lhe é designado, até a constituição de seus sintomas. Outro aspecto que merece destaque é a possibilidade do surgimento das patologias transgeracionais, que consistem na transmissão de conteúdos não elaborados pelas gerações anteriores. Esse tipo de patologia pode ocasionar a repetição dos sintomas através de sucessivas gerações e complicar o futuro das gerações ascendentes.

Nesse sentido, os segredos, que consistem em histórias não-verbalizadas, mas insistentes, que intrigam a nova geração, são considerados uma via privilegiada de transmissão. Os segredos são importantes no engendramento da temática familiar, e podem atravessar gerações, desencadeando os sintomas transgeracionais. Por fim, ressalta-se que o conceito de transmissão psíquica corresponde a um recurso teórico de grande valia a ser investigado no âmbito da clínica psicanalítica. Este conceito nos remete a outros conceitos complexos que estruturam a trama dorsal da teoria, como a repetição, o sintoma, o trauma, a fantasia, dentre outros que não foram abordados neste ensaio, mas merecem ser articulados e discutidos posteriormente, devido à sua importância e relevância para a prática clínica.

Referências:

ABRAHAM, Nicolas; TOROK, Maria. *A casca e o núcleo*. São Paulo: Escuta, 1995.

ANDRE-FUSTIER, Francine; AUBERTEL, Françoise A transmissão psíquica familiar pelo sofrimento. In: *A transmissão do psiquismo entre gerações*. Org.:Alberto Eiguer. São Paulo: Unimarco Editora, 1998.

AULAGNIER, Piera. *A violência da interpretação*. Rio de Janeiro: Imago,1975.

AULAGNIER, Piera. *La Violence de L'Interprétation*. Paris: PUF, 1975.

AZEVEDO, Luciana; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha; LINS, Samuel. Sintoma infantil: efeito da transmissão psíquica? *Cadernos de Psicanálise*, no prelo.

CORREA, Olga Ruiz. *O legado familiar: A tecelagem grupal da transmissão psíquica*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.

DOLTO, Françoise. Prefácio. In:_____ *A Primeira entrevista em Psicanálise*. 6. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

EIGUER, Alberto. *A transmissão do psiquismo entre gerações: Enfoque em terapia familiar psicanalítica*. São Paulo: Unimarco Editora, 1998.

EIGUER, Alberto. L'identification à l'object transgénérationnel. In: *Journal de la psychanalyse de l'enfant*. v.10, p.93, 1998.

FLANDRIN, Jean-Louis. *Famílias: parentesco, casa e sexualidade na sociedade antiga*. Lisboa: Editorial Estampa, 1991.

FREUD, Sigmund. (1913). *Totem e Tabu*. Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Freud, v. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

Luciana Jaramillo Caruso de Azevedo, Terezinha Féres-Carneiro e Samuel Lincoln Bezerra Lins

GRANJON, Evelyn. “A elaboração do tempo genealógico no espaço do tratamento da terapia familiar psicanalítica”. In: *Os avatares da transmissão psíquica geracional*. Org: Olga Ruiz Correa. São Paulo: Escuta, 2000.

INGLEZ-MAZZARELLA, Tatiana. *Fazer-se herdeiro: a transmissão psíquica entre gerações*. São Paulo: Escuta, 2006.

KAES, René. “Os dispositivos psicanalíticos e as incidências da geração”. In: *A transmissão do psiquismo entre gerações*. Org.: Alberto Eiguer. São Paulo: Unimarco Editora, 1998.

KAËS, René. *Transmissão da vida psíquica entre gerações*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

KUPFERBERG, Marylink; RUDGE, Ana Maria de T.P. *Filhos da guerra: um estudo psicanalítico sobre o trauma e a transmissão*. Tese de doutorado. Curso de Pós Graduação em Psicologia Clínica, Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. RJ, 2004.

MAGALHÃES, Andrea Seixas; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. *Família e Casal: saúde, trabalho e modos de vinculação*. Org.: Terezinha Féres-Carneiro. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

MARCONI, Yara Maria. “O que não posso saber sobre minha origem”. *Marraio*, n. 16: 41-46, 2008.

MEYER, Luiz. *Família: Dinâmica e terapia*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

NOBRE, Letícia. “Faz um laço prá mim?”. In: *A psicanálise e os discursos*. Org: Vera Vinheiro Brandão. Rio de Janeiro: Escola Letra Freudiana, 2004.

ROSA, Miriam Debieux. *Histórias que não se contam: o não-dito e a psicanálise com crianças e adolescentes*. Taubaté/SP: Cabral Editora Universitária, 2000.

A família e a transmissão psíquica

RUDGE, Ana Maria. *Pulsão de morte como efeito de supereu*, in Revista *Ágora*, Rio de Janeiro, n.1, v.9, p.79-89, 2006.

RUFFIOT, André. *La thérapie psychanalytique de la famille*. Dunod: PUF, 1981.

SEVERO, Ariane. “Sobre o sujeito na herança transgeracional”. In: *Transmissão transgeracional e a clínica vincular*. Org.: Angela Piva. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

TISSERON, S. *El psicoanálisis ante la prueba de las generaciones*. In: TISSERON, S. *et al. El psiquismo ante la prueba de las generaciones: clínica del fantasma*. Buenos Aires: Amorrortu, 1997.

ZORNIG, Silvia. *A criança e o infantil em psicanálise*. São Paulo: Escuta, 2008.

*Luciana Jaramillo Caruso de Azevedo, Terezinha Féres-Carneiro e
Samuel Lincoln Bezerra Lins*

FAMILY AND PSYCHIC TRANSMISSION

ABSTRACT:

This article proposes a reflection on the notion of psychic transmission applied to the family. In order to do so, we will initially examine the function of psychic transmission across generations. Then we will present the concept and the types of psychic transmission (intergenerational and transgenerational) and discuss the role assumed by the secret (the unsaid and the unspeakable) as a privileged form of psychic transmission that spans generations. Finally we will explore the content of the transmission and of the family psychic apparatus.

KEYWORDS: Transmission. Family. Secret. Psychoanalysis.

LA FAMILLE E LA TRANSMISSION PSYCHIQUE

RÉSUMÉ:

Cet article propose une réflexion sur la notion de transmission psychique appliquée à la famille. À cet effet, d'abord, on fera une réflexion sur le rôle de la transmission psychique entre générations. Ensuite, le concept et les types de transmission psychique (intergénérationnelle et transgénérationnelle) seront présentés, et le rôle du secret (le non-dit et l'indiscret) comme une forme privilégiée de la transmission psychique transgénérationnelle sera discuté. Enfin, on va aborder le contenu de la transmission et de l'appareil psychique familial.

MOTS-CLES: Transmission. Famille. Secret. Psychanalyse.

Recebido em: 05-03-2015

Aprovado em: 25-05-2015

©2015 Psicanálise & Barroco em revista

www.psicanaliseebarroco.pro.br

Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq

Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

revista@psicanaliseebarroco.pro.br www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista